

# Artigos



# Pensamento Jornalístico: a moderna tradição brasileira\*

José Marques de Melo\*\*

## Resumo

O Jornalismo constitui fenômeno universal, mas está ancorado em territórios nacionais. Assumindo esse pressuposto, o texto percorre o itinerário brasileiro da reflexão jornalística e discute suas relações com as idéias hegemônicas, no tempo e no espaço. Reivindica a originalidade e a criatividade do pensamento mestiço verde-amarelo, identificando os jornalistas-pensadores que assimilaram os sentimentos e aspirações do seu entorno e da sua geração, estabelecendo fértil diálogo entre as matrizes forâneas e os padrões nacionais.

**Palavras-chave:** Midiologia; Jornalismo; teoria do Jornalismo; história do Jornalismo; Jornalismo brasileiro

## Abstract

Journalism is a universal phenomenon, but it is anchored in national territories. Starting off from this supposition, the text examines the trajectory of journalistic thinking in Brazil and

---

\* Conferência proferida em 5 de novembro de 2006, em Porto Alegre, durante a I Journalism Brazil Conference, promovida pela Sociedade Brasileira dos Pesquisadores de Jornalismo – SBPJor, em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

\*\* Fundador do Departamento de Jornalismo da Universidade de São Paulo (1967) e co-fundador do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Universidade Estadual de Campinas (1994). Atualmente é professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Comunicação Multimídia, onde dirige a Cátedra UNESCO/Metodista de Comunicação. Autor/organizador dos livros *Estudos de Jornalismo Comparado* (1972), *Sociologia da Imprensa Brasileira* (1973), *Jornalismo no Brasil Contemporâneo* (1984), *A opinião no Jornalismo Brasileiro* (1985), *Transformações do Jornalismo Brasileiro* (1994), *Identidade da Imprensa Brasileira no Final do Século* (1998), *Jornalismo Brasileiro* (2003), *Teoria do Jornalismo* (2006) e *Síndrome da mordaca* (2007).

discusses its relationship with hegemonic ideas in specific contexts. He also claims originality and creativity for Brazil's hybrid tradition and examines the work of journalist/thinkers who assimilated the feelings and aspirations of their country and their generation, thus establishing a fruitful dialogue between national and foreign traditions.

**Keywords:** Mediology; Journalism; Journalism theory; history of Journalism; Brazilian Journalism.

### Resumen

El Periodismo constituye un fenómeno universal, pero está anclado en territorios nacionales. Asumiendo esta afirmación, el texto transita por el itinerario brasileño de la reflexión periodística y discute sus relaciones con las ideas hegemónicas, en el tiempo y en el espacio. Reivindica la originalidad y creatividad del pensamiento mestizo verde-amarillo, identificando los periodistas-pensadores que asimilaran los sentimientos y aspiraciones de su entorno y de su generación, estableciendo fértil diálogo entre las matrices foráneas y los padrones nacionales.

**Palabras-clave:** Mediología; Periodismo; teoría del Periodismo; historia del Periodismo; Periodismo brasileño.

### Introdução

As idéias aqui apresentadas espelham e reforçam a metáfora segundo a qual o Jornalismo é uma espécie de *árvore* universal, que possui *raízes eurocêntricas* (KUNCZIK, 1988, p. 15-19; BECHELLONI, 1995, p. 17-36; NEVEU, 1999, p. 9-21), cujas *ramificações* são tipicamente *nacionais* (MARQUES DE MELO, 1985, p. 131-134; RIVERA, 1995; CHAPARRO, 1998; MAYA & PLATA, 1998); muitas vezes produzindo *frutos* dotados de sabores *regionais* (SALWEN & GARRISON, 1991; TUDESQ & NÉDÉLEC, 1998; BELTRÁN, 1998 ).

Se tal assertiva embasa a natureza do processo, sua aplicação estende-se também à identidade, cuja exegese tem sido feita pelos intelectuais orgânicos da nossa “comunidade

interpretativa” (TRAQUINA, 2002, p. 126-129), ou seja, os teóricos do Jornalismo.

Para enfrentar o desafio que os organizadores desta conferência me atribuíram, no sentido de mapear os “novos caminhos” do pensamento jornalístico, vi-me na contingência de revisitar a literatura brasileira do campo (BOURDIEU, 1983). Essa tarefa foi em grande parte facilitada pela existência de duas fontes que apontam as “trilhas recentes” (PENA, 2005 e MARQUES DE MELO, 2006).

Buscando compreender as tendências hegemônicas nesta conjuntura de transição secular, fui percebendo a constância daquele *jeitinho* brasileiro de pensar o Jornalismo que evidenciara em outra ocasião (MARQUES DE MELO, 2003, p. 13-17). Trata-se de perspectiva inerente às “raízes do Brasil” (BUARQUE DE HOLANDA, 1936), constitutiva do *ethos* nacional. Da convergência de expressões “cordiais, conciliatórias, afetivas e bem humoradas” (BARBOSA, 1999, p. 46) resultou o caldo de cultura que produziria a “moderna tradição brasileira” (ORTIZ, 1988).

Essa vocação “macunaímica” (MORSE, 1982) decorre da nossa capacidade antropofágica de deglutir os modelos importados, transformando-os em sucedâneos “mestiços”, duráveis, resistentes e utilitários. Construímos um modo peculiar de assimilar os fenômenos sócio-culturais segundo os paradigmas (forâneos) que embasam suas concepções intrínsecas (relatos que nos chegam de além fronteiras), embora submetendo-os a comparações com a nossa realidade. Temos refugado o que não serve, apropriando-nos criativamente do que é útil e propício a adaptações. Mas não apenas isso: demonstrando competência para produzir “cópias bem melhores do que o próprio original” (CARDOSO, 1979).

Durante o percurso cognitivo, logo me convenci de que seriam insuficientes os indicadores sincrônicos, obtidos através de uma amostra dos tempos presentes, capaz de espelhar o porvir. Foi inevitável fazer um recuo no tempo, de modo a contemplar o processo de desenvolvimento das nossas idéias jornalísticas. Essa postura diacrônica tornava-se necessária e

oportuna, em função daquela pista oferecida por Roberto da Mata, segundo a qual a chave antropológica para elucidar o enigma da “tradição brasileira” corresponde ao seguinte preceito “a virtude está no meio” (DAMATTA, 1999, p. 270-291).

Como já palmilhara território situado na metade do caminho, foi possível discernir o passado e delinear o presente. Refiro-me à experiência consubstanciada na coleção dos *Clássicos do Jornalismo Brasileiro* (MARQUES DE MELO, 1988), uma série de estudos fundamentais para a formação das novas gerações de jornalistas. Selecionei um conjunto de seis livros de autores representativos das diferentes fases da primeira metade do “breve” século XX (HOBSBAWM, 1994).

Empregando idêntica metodologia, tratei de compulsar as fontes referentes ao século XIX e à segunda metade do século XX. No primeiro caso, vali-me de referências bibliográficas, compulsando obras que inventariam os primórdios do Jornalismo brasileiro e só residualmente vão aos próprios textos, ainda dispersos nas publicações em que foram divulgados. No segundo caso, fui diretamente às fontes, cotejando os textos publicados sob a forma de livros.

Para delinear as tendências emergentes na alvorada do século XXI, considerei inapropriada a pesquisa em livros, justamente porque o suporte bibliográfico pressupõe certa maturação intelectual. Avaliando algumas obras de natureza bibliográfica, deparei-me com textos que refletem experiências cognitivas datadas do século passado. Assim sendo, tomei a decisão de fixar-me na literatura conjuntural, recorrendo a artigos publicados em periódicos acadêmicos da área. Desta maneira, foi possível apreender as idéias em plena ebulição, refletindo exatamente os “novos caminhos” percorridos pela novíssima safra dos pensadores do Jornalismo brasileiro.

Embora adotando procedimentos comparativos, a amostra contém evidente intencionalidade. Procurei neutralizar essa circunstância, tomando como instrumento de controle algumas variáveis do tipo originalidade, inovação, impacto e pluralismo. Mas, como todo recorte dessa natureza, a significação está diretamente associada à credibilidade autoral. Trata-se de si-

tuação idêntica à que ocorre em disciplinas conexas como a História e a Literatura, que dependem de “antologias” para expressar conjunturas. Sua validação somente vai se configurar no tempo, corroborada ou contestada por idênticos exercícios cognitivos dos pares, naturalmente controlados pelos “colégios invisíveis” que atuam como instâncias de poder no “campo científico” (BOURDIEU, 1972).

## Procedimentos

A principal evidência registrada é de natureza processual. Ao longo de quase dois séculos, a postura dos pensadores emblemáticos do Jornalismo brasileiro mantém a coerência, sem dispensar a polêmica, preservando a continuidade, sem fugir aos impasses.

Esses agentes assumem geralmente a identidade nacional que projetam em suas obras, fazendo leituras do Jornalismo com lentes verde-amarelas. Observam as manifestações noticiosas desenvolvidas em território brasileiro com os pés fincados na realidade nacional. Valorizam e reforçam o modo brasileiro de fazer Jornalismo que se vai constituindo depois da emancipação política iniciada em 1822 e completada efetivamente durante a Regência (1831-1840), quando se garante a unidade territorial ameaçada pelas revoltas regionais<sup>1</sup> (FAUSTO, 1995).

Isso não implica absolutamente fomentar a mentalidade xenófoba. Ao contrário, o modo brasileiro de ver o Jornalismo se caracteriza pela sintonia crítica que os nossos pensadores demonstram em relação aos modelos hegemônicos. Eles dialogam com os pensadores congêneres das sociedades metropolitanas com as quais mantemos relações privilegiadas. Tomam esses modelos como referentes paradigmáticos, sem necessariamente a eles aderir. Tanto podem incorporar suas perspectivas analíticas quanto distanciar-se, sem ignorá-las.

---

<sup>1</sup> Essa unidade territorial, mas também lingüística, permite compreender a singularidade do Brasil enquanto nação-estado, que refluíu à “balcanização” precoce da América Hispânica, cujo republicanismo fragmentou e fragilizou politicamente o continente latino-americano. Não é sem razão que lideranças contemporâneas tentam resgatar o projeto bolivariano da “pátria grande”.

É claro que esse comportamento varia no tempo e no espaço, notando-se alguns exegetas fascinados pelas idéias forâneas, enquanto outros se mostram céticos ou reticentes. Mesmo aqueles identificados pelo sentimento nativista evitam demonstrar ufanismo inconseqüente.

Os matizes que diferenciam as gerações ou as personalidades parecem residuais. Configura-se uma espécie de solidariedade nacional que funciona como legado de uma geração a outra.

É imperioso advertir que os indícios aqui registrados e comentados não mereceram suficiente exploração empírica para ensejar generalizações. Trata-se de incursão preliminar, cujo discernimento requer estudos pontuais sobre autores e obras. Será possível entender melhor suas motivações cognitivas e opções analíticas se descortinarmos histórias de vida e trajetórias intelectuais.

A sensação de homogeneidade cognitiva e interpretativa talvez aparecesse diluída se em lugar dos autores selecionados para o recorte amostral figurassem outros menos representativos. Não posso deixar de dizer que houve momentos em que vacilei ao escolher determinado personagem (e não outro da mesma geração). Essas decisões solitárias foram cruciais no sentido de garantir pluralidade e diversidade de conteúdo, ideológica, etária e ocupacional.

Feitas estas advertências de natureza metodológica, deve-se passar à exposição dos resultados da pesquisa.

## Periodização

Adotando critério cronológico, o pensamento jornalístico brasileiro pode ser agrupado em três períodos:

- a) Emancipação – século XIX
- b) Identificação – século XX
- c) Autonomização – século XXI

Em cada período florescem correntes de idéias que se complementam ou confrontam, sem produzir rupturas substantivas.

a) *Emancipação: tendências seminais*

O período da *emancipação* é caracterizado pelo distanciamento gradual entre as matrizes portuguesas, remanescentes da colonização, e os padrões brasileiros, que afloram durante o Primeiro Reinado.

Duas correntes de pensamento vão estruturar as bases da nossa reflexão jornalística: o pensamento embrionário e o pensamento precursor. Polifacéticas e criativas elas fornecem a substância capaz de nutrir o modo brasileiro de pensar o Jornalismo.

O *pensamento embrionário* compõe-se de três vertentes distintas: o pensamento *desterrado* do gaúcho Hipólito da Costa (1808-1822), o pensamento *encarcerado* do pernambucano Frei Caneca (1822-1824) e o pensamento *tolerado* do fluminense Evaristo da Veiga (1827-1835).

No primeiro caso, estamos diante de um jornalista nascido no território brasileiro, mas educado em espaço lusitano. Embora tenha merecido o beneplácito das autoridades portuguesas, amargou o cárcere inquisitorial, perseguido pelas conexões maçônicas, que facilitaram sua fuga e asilo político. Amparado pela coroa britânica, detentora do privilégio de “nação amiga” de Portugal, publica em Londres o nosso primeiro jornal livre de censura. Trata-se de publicação mensal distribuída clandestinamente no Brasil. Registrando à distância os acontecimentos nacionais, seu conteúdo desempenha evidente missão civilizatória. O jornal persistiu apenas durante a fase em que o Brasil foi alçado à condição de Reino Unido a Portugal. Aqui difundiu as matrizes européias do ideário liberal, inclusive a emergente doutrina da liberdade de imprensa, onde estão fincadas as vigas mestras do pensamento jornalístico brasileiro. (GÓES DE PAULA, 2001).

No segundo e terceiro casos – *encarcerado* e *tolerado* –, temos evidências dos dois pólos característicos do jornalismo nativo pós-independência. Inspirado nos postulados iluministas franceses, Frei Caneca exercita um jornalismo radical que exacerba os ânimos dos detentores do poder monárquico. Ele robusteceu o pensamento jornalístico de matiz republicano, em

função do qual foi encarcerado e fuzilado durante as insurreições que ameaçaram os alicerces do nascente Império Brasileiro (CABRAL DE MELLO, 2001). Por sua vez, Evaristo da Veiga situa-se na vanguarda daquela corrente do pensamento jornalístico dentro da ordem. Circunscrevendo-se aos limites impostos pelo sistema (CÂNDIDO, 1957, p. 261-267) ele é tolerado, apesar de exercer um jornalismo cívico, vigilante em relação às arbitrariedades monárquicas.

O *pensamento precursor* é resultante da confluência entre distintas visões de mundo: o maranhense Joaquim Serra (1883) defende a tese de que a imprensa e o jornalismo são indicadores do estágio civilizatório de qualquer sociedade e faz um balanço crítico de 60 anos de jornalismo em sua província; o pernambucano Alfredo de Carvalho (1899-1908) resgata a *gênese* da nossa imprensa, dirimindo a polêmica sobre a sua paternidade e efetuando o inventário do seu *desenvolvimento* no século XIX; o paraense Veríssimo (1900), por sua vez, identificou o cerne da questão nacional: sem *instruir a população* torna-se inviável melhorar a imprensa e democratizar a república. Configuram-se, portanto, os “impasses” tradicionais da nossa sociedade e conseqüentemente do nosso jornalismo: a cooptação governamental da mídia, a frágil economia de mercado e a persistência de uma população analfabeta ou majoritariamente inculta.

#### b) *Identificação: tendências históricas*

O período da *identificação* confunde-se com o desenvolvimento do regime republicano e com a afluência das correntes migratórias que substituem a mão-de-obra escrava no trabalho braçal. O nosso jornalismo assume o seu “abrasileiramento”, na forma e no conteúdo, em plena sintonia com o movimento verde-amarelo desencadeado pelos intelectuais modernistas. Mas também desafiado pela ofensiva nacionalista das vanguardas políticas que entram em cena no processo de modernização econômica e democratização do poder.

São várias as correntes fortalecidas no transcurso do século XX, algumas permanecendo vigentes anos a fio, tendo seus postulados defendidos e cultivados por seguidores fiéis ou por discípulos tardios.

## **Pensamento fundador**

A vanguarda do *pensamento fundador* é constituída por políticos também jornalistas. Eles corroboram inteiramente a “teoria da escada” (WEBER, 1910), segundo a qual o jornalismo abre as portas da política aos praticantes do ofício, que dele se valem para escalar os degraus do aparelho estatal. Por isso mesmo, pensam o jornalismo como peça fundamental da engrenagem do poder, demonstrando suas perplexidade diante das mutações experimentadas pela atividade que se industrializa e se profissionaliza a passos largos.

Seu principal paladino, o baiano Rui Barbosa (1920), mostra-se indignado com as distorções praticadas pela nossa imprensa, corrompida pelos governos republicanos. Ele reitera o compromisso ético da profissão com o “dever da verdade” ao tecer um libelo contra a “mercantilização” dos jornais e o “messalinismo” dos jornalistas, na era Campos Salles, cuja “verba secreta” pode ser considerada precursora do “valerioduto” da era Lula. E trata também de lembrar que as epidemias de corrupção jornalística tem ilustres precedentes forâneos, demonstrando sua familiaridade com a literatura estrangeira. Uma de suas principais fontes sobre a matéria é o pesquisador alemão Henry Wuttke, da Universidade de Leipzig, que escancarou o “armário” de Bismarck para revelar como suas ofensivas bélicas foram “azeitadas” pela “fábrica de opinião pública” financiada pelos cofres germânicos.

Postura da mesma natureza assume o pernambucano Barbosa Lima Sobrinho (1923) ao escrever o clássico livro que representa o marco zero da pesquisa jornalística brasileira. Faz um diagnóstico preciso e conciso sobre o “problema da imprensa” no momento em que transitávamos em direção ao “jornalismo industrial”. Sem adotar comportamento apocalíptico, ele discute os prós e

contras das tendências emergentes – no mundo capitalista, o jornal-empresa; no mundo socialista, o monopólio midiático do partido. Essa reflexão tem como foco o panorama brasileiro, mas sua argumentação está embasada no pensamento de autores forâneos como os ingleses Stuart Mill e James Bryce, o espanhol Gonzalo Blanco, os italianos Bonasi e Natale, estabelecendo também diálogo crítico com V. I. Lênin, cuja “ditadura do proletariado” acarretou o amordaçamento da imprensa russa. Mas ele não hesita em proclamar sua fidelidade aos pensadores nativos que o precederam na reflexão sobre o campo jornalístico, especialmente Alfredo de Carvalho e José Veríssimo.

A síntese dessa corrente matricial está contida na obra de Carlos Lacerda (1950). Jornalista emblemático, ele expressa vigorosamente toda o ceticismo indignado da sua geração frente ao moderno padrão jornalístico que se afirma em todo o país na segunda metade do século XX. Suas baterias são dirigidas contra o sensacionalismo, o mercantilismo ou a partidarização dos jornais, condenando também as “relações perigosas” entre os jornalistas e o poder, que inevitavelmente conduzem a cenas de corrupção implícita e domesticação explícita. Não obstante abastecido teoricamente por fontes estrangeiras, como o norte-americano Frank Luther Mott, na verdade Lacerda demonstra grande familiaridade com o legado brasileiro no campo jornalístico, destacando autores como Rui Barbosa, Austregésilo de Ataíde ou Carlos Rizzini. Trata-se de retro-alimentação que engrossa a expressão nacionalista, sem convertê-la em panacéia complacente.

## **Pensamento sistematizador**

A corrente denominada *pensamento sistematizador* é legatária do ensaísmo jornalístico que floresceu nos sindicatos, associações e academias. Tais exercícios reflexivos foram induzidos pelas conferências e congressos de jornalistas, através das “teses” inscritas pelos participantes e avaliadas por comitês corporativos. Quando os profissionais do Jornalismo pretendem a regulamentação do seu ofício, as academias de letras debatem

as fronteiras entre o jornalista e o escritor. Textos de conferências, palestras, teses e relatórios circulam profusamente.

É nesse contexto que o escritor/jornalista Alceu de Amoroso Lima (1958) disserta sobre as “artes da comunicação” para nelas situar o Jornalismo, cujo “estilo próprio” lhe dá “personalidade” estética. Defendendo a tese de que o Jornalismo constitui um “gênero literário”, o acadêmico confere legitimidade a um ofício que recém fora aceito no claustro universitário. Ele dialoga com autores consagrados como Benedetto Croce e André Gide, mas não deixa de recorrer amiúde à “prata da casa”, revisitando o pensamento jornalístico de Antonio Olinto e Barbosa Lima Sobrinho, entre outros.

Enquanto os acadêmicos, como Alceu e Barbosa Lima, ampliavam suas reflexões sobre os “gêneros jornalísticos”, abastecendo os contingentes estudantis com textos paradigmáticos, os jornalistas amadurecidos tomam a iniciativa de formatar em livro os seus conhecimentos sobre o campo. É o que faz, com maestria, o paulista naturalizado carioca Danton Jobim (1960), bafejado pelo reconhecimento internacional que o converteu num dos poucos *scholars* brasileiros a ser publicado concomitantemente em Paris e no Texas. Suas reflexões teóricas sobre o “Jornalismo contemporâneo” e suas incursões metodológicas no âmbito do “Jornalismo comparado” demonstram capacidade de pensar sobre o nosso cotidiano como extensão da realidade euro-americana. Para tanto, ele estabelece diálogos endógenos com Barbosa Lima Sobrinho, Gilberto Freyre, Elmano Cardim ou Antonio Olinto e diálogos exógenos com Jacques Kayser, Leon Daudet, Walter Lippmann, Fraser Bond, MacDougall Curtis. A meta de Jobim era apreender e sistematizar o “espírito do Jornalismo”, munindo-se do precioso cabedal empírico acumulado na imprensa carioca e da bagagem erudita que ampliou em suas andanças pelo circuito EUA-França.

Já o pernambucano Luiz Beltrão (1960) é menos ambicioso, propondo-se a construir sólida plataforma de “iniciação à filosofia do Jornalismo”, com a intenção de neutralizar o “desprezo” a que vinha sendo relegado pelas “elites dirigentes brasileiras”. Para lograr esse objetivo, ele sistematiza o conhecimento esto-

cado na literatura da área, descrevendo minuciosamente as “manifestações” jornalísticas e projetando seus “caracteres”, para depois explicar quem são os “agentes” do Jornalismo e em que “condições” operam. O resultado da cuidadosa revisão bibliográfica exhibe ao mesmo tempo seu repertório erudito e seu cabedal empírico. A interação que demonstra com os pensadores nacionais e internacionais da área não é resultado apenas de sua peregrinação pelas livrarias e bibliotecas, mas decorre da sua proximidade em relação a eles, muitos dos quais visitou pessoalmente. Durante os périplos feitos pelos quatro continentes, em vista da condição privilegiada de líder sindical da sua categoria, Beltrão transita confortavelmente entre os autores canônicos da área – os francófonos Emile Boivin, Jacques Bourquin, Jacques Kayser, Joffre Dumazedier, os anglófonos Gordon Allport, Rod Horton, Robert Jones, Walter Lippmann, os hispano-americanos Clemente Cimorra, Bartolomé Mostaza, Clemente Santamaria e Octavio de la Suarée, além do brasileiros Alfredo de Carvalho, Alex Vianny, Carlos Rizzini, Freitas Nobre, Helio Vianna.

Esta corrente se movimenta na conjuntura do pós-guerra, um período em que a vigência das liberdades democráticas propicia a sedimentação de conhecimentos. O golpe militar de 1964 muda radicalmente o panorama, impondo limitações ao exercício intelectual.

## Pensamento polemizador

Frente à conjuntura autoritária, foi natural que os pensadores do Jornalismo assumissem uma atitude *polemizadora*, denunciando os impasses antevistos e endossando as teses defendidas pelas universidades, empresas e movimentos sociais.

Não obstante o regime de exceção tenha sido instaurado com o apoio dos jornais de prestígio nacional, sua vanguarda não demorou a rebelar-se. Uns tomam a imediata decisão contestadora, ao perceber a defasagem existente entre “o ato e o fato” (CONY, 1964). Outros somente vão se posicionar quando bafejados pela coação e pela censura (MARCONI, 1980).

Um dos críticos principais é o jornalista Alberto Dines, cuja reflexão densa, oportuna e instigante o aproximou naturalmente da universidade. As ousadas e corajosas experiências que vivenciou no “Jornal do Brasil” são codificadas em artigos que se difundem através dos “Cadernos de Jornalismo”, constituindo referencial precioso para o entendimento da conjuntura. Quando, pressionado pelo governo militar, a direção da empresa o demite traumáticamente, ele decide fazer uma pausa em seu atribulado exercício profissional, escrevendo um livro antológico. Seu ponto de partida é a “crise do papel”, que abala a imprensa mundial, impondo mudanças radicais nas rotinas jornalísticas. Dines (1974) aproveita o ensejo para fazer uma revisão crítica do Jornalismo brasileiro, pensando alternativas futuras em função de dois elementos: o contexto internacional e o cenário histórico brasileiro. No primeiro caso, ele se fundamenta em farta e atualizada bibliografia estrangeira, principalmente em autores clássicos como John Milton, Rudyard Kipling e Walter Lippmann ou autores emergentes como Marshall McLuhan, Wilbur Schramm, Abraham Moles. No segundo caso, ele recorre aos pensadores nacionais, seja os mais antigos como Alceu de Amoroso Lima, Carlos Rizzini ou Marcello de Ipanema, seja aos seus contemporâneos da academia, como Antonio Costella e José Marques de Melo, ou da profissão, como Samuel Wainer e Joelmir Betting.

Mas o sentimento de rebeldia era mais aguçado dentro das universidades, de certo modo acuadas pela repressão cultural que se instaurou em 1968, depois do “golpe dentro do golpe” (PEREIRA, 1984). Representativas desse momento histórico são as dissertações de mestrado, depois transformadas em livros, da autoria de Cremilda Medina (1978) e Adelmo Genro (1987).

Cremilda Medina defronta-se com o processo de mutação do Jornalismo na “sociedade urbana e industrial”, pelo qual a notícia se converte ostensivamente em mercadoria, ou seja, “um produto à venda”. Para reverter esse quadro empobrecedor, a autora busca construir “um modelo de análise da mensagem” a partir da “consciência do fazer jornalístico”. Sem ilusões de alterar o sistema, ela trabalha com a “possibilidade de sistema-

tizar os caminhos de aperfeiçoamento”. Nesse sentido, recorre às fontes legitimadas do pensamento jornalístico como os europeus Otto Groth e Jacques Kayser, os norte-americanos Robert Park, Walter Lippmann e Fraser Bond ou os latino-americanos Eliseo Verón e Marco Ordóñez. Discute e assimila conceitos oriundos da teoria da comunicação, correlacionando os ensinamentos de Wilbur Schramm, Edgar Morin, Vazquez Montalbán, Enzensberger e Antonio Pasquali. Mas não se descuida de beber em fontes brasileiras, hidratando-se principalmente em Luiz Beltrão, Danton Jobim, Luiz Amaral, sem deixar de nutrir-se historicamente em Werneck Sodré e Juarez Bahia.

Postura mais radical demonstra Adelmo Genro, tanto em seu diagnóstico quanto em sua terapia. Ele parte de uma cuidadosa e bem fundamentada revisão do conhecimento jornalístico brasileiro, percorrendo criticamente as obras dos autores contemporâneos: de Nilson Lage, Marques de Melo, Mário Erbolato, Luiz Amaral e Clovis Rossi a Cremilda Medina, Ciro Marcondes e Lins da Silva. Não obstante se aproprie da noção de Jornalismo como forma de conhecimento esboçada por Robert Park ele faz em verdade uma espécie de reciclagem teleológica, consentânea com a sua proposta de uma “teoria marxista do Jornalismo”. Para tanto, revisita a trindade Marx, Trotsky e Lenin, passando também pelas revisões de Gramsci, Lukacs e Althusser. Contudo, seus pilares são os exegetas da indústria cultural como Adorno, Horkheimer, Habermas, Enzenbeger, Mattelart e os teóricos de um tipo de Jornalismo engajado na luta de classes como os latino-americanos Camilo Taufic, Hector Mujica, Eleazar Diaz Rangel e Ricardo Cardonet.

## **Pensamento Consolidador**

Se os anos 1980 foi considerada a “década perdida” no campo econômico, ela pode ser considerada “quase perdida” no campo jornalístico. Nem mesmo a anistia política (1979) foi suficiente para revigorar o nosso pensamento jornalístico, constituindo exceção obra como a de Adelmo Genro.

Completada, porém, a transição “lenta, gradual e segura” da dupla Golbery-Geisel e aprovada a Constituição Cidadã do trio Ulisses Guimarães-Tancredo Neves-José Sarney, o Jornalismo brasileiro ingressou numa etapa de relativa tranquilidade.

Ancorada no preceito constitucional que veda a legislação ordinária destinada a tolher a liberdade de imprensa, nossa vanguarda intelectual foi encorajada a produzir reflexões sobre o ofício noticioso e seu impacto social.

Sendo assim, a década de 1990 teve uma colheita auspiciosa, trilhando por caminho que dá continuidade à postura crítica da geração anterior, mas dá um passo à frente, no sentido de consolidar o modo brasileiro de pensar o Jornalismo.

Símbolo loquaz desse divisor de águas é o livro de maturidade de Carlos Eduardo Lins da Silva (1990), resultante do seu estágio pós-doutoral no exterior. Depois de haver feito incursões empíricas como “observador participante” nos âmbitos da “recepção” e da “produção” jornalística, o autor envereda pela “hermenêutica histórica”, contextualizando a tão propalada “influência americana sobre o Jornalismo brasileiro”. Depois de digerir toda a literatura existente sobre a questão, ele conclui que a premissa não é verdadeira.

Metaforicamente, Lins da Silva (1990) sugere que “as aparências enganam”. Seu raciocínio é o seguinte: o Jornalismo brasileiro assume os pressupostos do Jornalismo americano (...) mas em qualquer circunstância, resulta num produto diferente do modelo.

Para chegar a essa equação, ele faz uma ampla peregrinação pela literatura, confrontando exegeticamente autores como Marcel Proust e Karl Kraus, Antonio Gramsci e Marta Harnecker, Wilbur Schramm e Richard Morse, Raymond Williams e Ariel Dorfman, Gaye Tuchson e Dan Schiller. Idêntica revisão heterodoxa ele empreende pelas idéias difundidas pelos pensadores do Jornalismo brasileiro como Danton Jobim, Celso Kelly, Carlos Lacerda, Werneck Sodré, Marques de Melo, Paulo Francis, Octavio Frias Filho etc.

Viagem sincrônica é a que empreende Isabel Travancas (1993). Optando pelo método etnográfico, ela mergulha no “mundo dos jornalistas”. Na tentativa de compreender sua

“relação com a profissão” e sua “imagem da sociedade”, a autora descortina a “identidade social do jornalista” na sociedade brasileira contemporânea. Tal como Gustavo de Lacerda havia percebido no início do século passado, Travancas comprovou que a nossa comunidade jornalística continua dividida em dois segmentos. Comparando seus “estilos de vida”, ela identificou uma “casta” formada pelos “velhos jornalistas” (vivendo confortavelmente) e um “exército de reserva” constituído pelos “jovens jornalistas” (vivendo proletariamente).

Quais os referentes buscados pela autora para estruturar sua reflexão sobre o Jornalismo? Do ponto de vista histórico-conceitual, ela é bastante seletiva, fundamentando-se nos sociólogos Robert Park e Marc Paillart, nos historiadores franceses Fernand Terrou, Piere Albert e nos brasileiros Werneck Sodré e Maria Nazareth Ferreira. No plano pragmático, ela prefere os jornalistas do batente como Cláudio Abramo, Samuel Wainer, Ricardo Kotscho, Nilson Lage.

A síntese “irônica” das perspectivas de Lins da Silva e Travancas emerge de corpo inteiro no ensaio de Juremir Machado da Silva (2000), focalizando as “(in)certezas” da mídia para discernir a “miséria” em que está imersa a “lógica interna” do Jornalismo brasileiro, encostado na parede pelos “valores do mercado”.

O jovem autor gaúcho personifica com brilhantismo a nossa geração “fim de século”, herdeira daquela “tradição” cáustica, que reúne a um só tempo a combatividade anárquica de Cipriano Barata (MOREL, 2001) e o polemismo corrosivo de Paulo Francis (PIZA, 2004).

Partindo do princípio de que “o mercado não é necessariamente um monstro” e de que “a democracia baseia-se na dúvida”, Juremir concentra sua metralhadora giratória nos dois pólos da nossa vanguarda jornalística: o “esquerdista ilustrado” e “o idiota tecnológico”. Concebendo a mídia como sistema convertido em engrenagem, constituindo uma “máquina capaz de girar por conta própria”, ele vaticina: “a grande imprensa desliza do shopping de elite para o mercado público, o que escandaliza o elitismo esquerdista e confirma o populismo mercadológico”.

Seu diagnóstico hidrata-se ecleticamente nas fontes caudalosas de autores franceses como Edgar Morin, Pierre Bourdieu, Jean Baudrillard, Pierre Levy, Serge Halimi etc, ancorando-se eventualmente em teóricos anglo-germânicos de matizes tão distintos como Karl Popper, Jürgen Habermas, Fredric Jameson ou Marshall McLuhan. A moldura nacional foi construída em função da experiência pessoal do autor, que eventualmente recorre ao panorama contemporâneo, esboçado pelo brasilianista Thomas Skidmore, ou aos cenários episódicos, traçados por Mario Sergio Conti e Fernandes Moraes.

*c) Autonomização: tendências emergentes*

Não obstante o pensamento jornalístico brasileiro venha demonstrando vigor analítico e vigilância crítica, no início do século XXI, o clima reinante no interior da academia, revela-se distante, defasado, descompassado em relação ao que ocorre no âmbito da sociedade.

A crise de identidade vivenciada pela profissão (MARGUES DE MELO, 2006), acuada pelas forças sociais contrárias à reserva de mercado para os jornalistas com formação universitária específica, produziu efeitos deletérios no interior dos *campi*. Sufocada pela hegemonia dos teóricos da comunicação, a área de Jornalismo estancou academicamente, sendo ameaçada até mesmo de ocupar situação periférica no plano institucional, reduzida a mero coadjuvante na película protagonizada pelo sistema nacional de ciência e tecnologia.

Reagindo ao marasmo e ao pessimismo, a vanguarda da nova geração de *scholars* do Jornalismo liderou a arregimentação nacional da comunidade acadêmica da área. Desse movimento resultou a fundação, em 2003, da Sociedade Brasileira dos Pesquisadores do Jornalismo – SBPJor. A realização de congressos anuais – Brasília (2003), Florianópolis (2004), Salvador (2005), Porto Alegre (2006) – tem fortalecido o “espírito de corpo” da emergente comunidade, além de influenciar o resgate da auto-estima jornalística no interior das universidades.

Sintoma dessa nova onda é a revitalização dos anuários especializados. Entretanto, dos três fundados na década de 1990, apenas um continuou a circular: *Pauta Geral* - PG (Salvador), lançado em 1993, retornou em 2002 e 2003, contabilizando no total cinco edições; o *Anuário de Jornalismo* - AJ, da Faculdade Cásper Líbero, fundado em 1999, subsistiu apenas durante tres edições, a última das quais apareceu no biênio 2001/2002; finalmente, cabe registrar o *Anuário Brasileiro da Pesquisa em Jornalismo* - ABPJ, editado pelo Departamento de Jornalismo da USP, cuja participação episódica limitou-se a duas edições, nos anos 1992 e 1993.

Nesse ínterim, surgiram novas publicações: o periódico semestral *Estudos em Jornalismo e Mídia* - EJM, que vem circulando regularmente em Florianópolis nos anos 2004 e 2005; o periódico eletrônico *Pensamento Jornalístico Brasileiro* - PJB, lançado pelo Departamento de Jornalismo da USP, que circulou regularmente em 2004, enfrentando solução de continuidade desde 2005; e finalmente a revista internacional *Brazilian Journalism Research* - BJR, que publicou até agora duas edições (2005).

Tomei esse universo como referencial para selecionar os autores representativos deste emergente século XXI, decidindo limitar a amostra somente aos periódicos impressos que lançaram edições no último quinquênio (2001-2005). Consultei, portanto, duas edições de PG, uma edição de AJ, duas edições de EJM e duas edições de BJR. A escolha dos autores considerou a natureza dos estudos publicados, privilegiando aqueles que focalizam intrinsecamente a dinâmica dos processos jornalísticos. Ficaram em posição secundária, portanto fora da amostra, os textos dedicados a aspectos extrínsecos ao Jornalismo.

Peregrinando através das contribuições expostas, documentadas e argumentadas pelos distintos autores, percebe-se, claramente, duas correntes de idéias: uma *problematizadora*, muito focada na busca de soluções capazes de renovar o universo jornalístico; outra *institucionalizadora*, mais preocupada com a legitimação acadêmica da área. Subsistem naturalmente aqueles autores que poderiam ser arrolados de modo tranquilo nas

correntes de pensamento que marcaram a trajetória cognitiva do século XX.

## Pensamento problematizador

Dentre os pesquisadores mais representativos do *pensamento atualizador*, em certo sentido dando seqüência à última corrente do século XX (mas também ultrapassando-a), destacamos Eugênio Bucci (São Paulo), Magda Cunha (Rio Grande do Sul) e Zélia Leal Adghirni (Brasília). Quais as novas contribuições que oferecem?

Bucci (2002) entende que são “anacrônicos” os “cânones” do telejornalismo, propondo “estratégias” para sua atualização. Onde está a raiz do problema? Ao invés de atuarem como prestadoras de serviço, sintonizadas com as aspirações dos telespectadores, as redes televisivas simplesmente veiculam “conteúdos” capazes de “atrair os olhares da massa”, comprovando a ampliação da “audiência”, para depois vendê-la aos “anunciantes”. Como sair do impasse? O autor propõe aos produtores jornalísticos um exercício deontológico. Seu ponto de partida é a atualização dos conceitos de “veracidade” e “objetividade” como pressupostos para resgatar a “verdade factual”. Sua meta consiste em “dar materialidade” à “idéia democrática” contida no binômio “direito à informação” e “liberdade de expressão”. Desta maneira, Bucci pretende imunizar o telejornalismo dos efeitos colaterais causados pelo “marketing” e pelo “entretenimento”, reconvertendo-o à órbita do “jornalismo”. Com quem ele dialoga? Parcimonioso no registro das suas fontes bibliográficas, o autor reconhece seu débito intelectual com apenas dois sociólogos: o alemão Max Weber, de quem assimilou o conceito de “ética”, e o francês Guy Débord, onde buscou fundamentar a noção de “espetáculo”.

Cunha (2004) reflete sobre o radiojornalismo no “contexto digital”, tomando o “tempo” e a “audiência” como variáveis fundamentais do processo radiofônico. Recorrendo a autores como Negroponte (conceito de digitalização) e Elias (noção de tempo), mas também a estudiosos brasileiros – Machado e

Meditsch – ou portugueses como Rodrigues e Traquina – para melhor entender o contexto cultural, ela conclui que existe dissonância entre o tempo do “fato” e o tempo da “audiência”. Por isso mesmo, o radiojornalismo defronta-se com mudanças radicais, entre elas a adoção de estratégias holísticas na cobertura e de métodos de análise em profundidade na contextualização dos acontecimentos.

Adghirni (2005) discute a “imagem” do jornalista na sociedade atual, constatando o declínio do “mito” romântico, que lhe creditava “super poderes”, para ajustar-se à realidade do “mercado”. Seja atuando diretamente nas “turbinas da informação”, ou melhor, no front das indústrias midiáticas (imprensa, rádio, televisão, internet). Seja optando pela ocupação dos postos existentes na sua retaguarda, ou melhor, nas assessorias de imprensa. Ancorada principalmente em pensadores franceses como Bordieu, Ruellan, Neveau, Ramonet, mas também nos brasileiros Christa Berger, Venício Lima, Ciro Marcondes ou Lavina Ribeiro, a autora constrói seus argumentos para reconhecer que a profissão de jornalista continua piramidal. Conseqüentemente, não isenta de uma certa “luta de classes” entre as “chefias” (bem remuneradas e muito poderosas) e o proletariado da “reportagem” (“cansado”, mas não “cooptado” pelo sistema). Trata-se de uma situação idêntica à que diagnosticara Gustavo de Lacerda, há um século, quando fundou a Associação Brasileira de Imprensa – ABI – vocacionada para atuar como “mediadora” entre os pólos em conflito. (MARQUES DE MELO, 2005, p. 105-116)

## **Pensamento institucionalizador**

Esta corrente emerge com a intenção de conquistar o lugar que historicamente cabe ao Jornalismo no sistema nacional de ciência e tecnologia. Tendo surgido no espaço nacional como área específica do conhecimento há 60 anos, o jornalismo enfrentou o reducionismo que, nos anos de chumbo, o condenou a figurar como sub-área do novo campo da Comunicação Social. Ameaçada de desfigurar-se tanto na arena pro-

fissional (pela iminência da abolição do “diploma”) quanto na acadêmica (pela tentativa de rebaixamento à vala comum das “especialidades” na “árvore” disciplinar irrigada pelo CNPq), a atividade jornalística vem sendo arregimentada pela sua vanguarda, no sentido de demonstrar publicamente legitimidade ocupacional e científica.

Sinalizam nessa direção os estudos de Eduardo Meditsch (Santa Catarina), Sonia Virginia Moreira (Rio de Janeiro) e Elias Machado (Bahia).

Meditsch (2005) procura demonstrar epistemologicamente que o Jornalismo configura-se como “processo cognitivo”, justificando que os cidadãos comuns dele se nutrem para tomar decisões vitais ao equilíbrio e continuidade do organismo social. Embora resgatando a lição seminal do norte-americano Robert Park sobre tal concepção do Jornalismo, o autor na verdade endossa, reafirma, revigora a tese do brasileiro Adelmo Genro, buscando apoio tanto em pensadores heterodoxos como o austríaco Karl Kraus e o português Antonio Damásio quanto em pensadores canônicos como o brasileiro Paulo Freire. Seu argumento fundamental é o de que o Jornalismo não se limita a reproduzir secundariamente o “conhecimento” gerado em outras disciplinas científicas, mas constitui-se como “produtor” do “conhecimento” primário que move cotidianamente a engrenagem social.

Moreira (2005) constrói um “mapa” elucidativo do conhecimento jornalístico produzido na academia brasileira. A autora situa sua análise no terreno em que atua privilegiadamente a respectiva “comunidade acadêmica”, comparando o segmento formador da vanguarda (pós-graduação) e o “colégio invisível” que legitima o conhecimento novo (sociedade científica). Ela toma como referentes emblemáticos a instituição pioneira da formação pós-graduada no país (ECA-USP) e a entidade de maior credibilidade acadêmica (**Intercom**) no campo comunicacional. Sua conclusão é a de que o “campo particular” do Jornalismo ocupa situação “excepcional” no âmbito científico, destacando seu compromisso com a “esfera pública”. Por isso, ela reivindica maior inserção da “pesquisa” no currículo dos

cursos de Jornalismo, argumentando que tal inclusão pode ser a solução adequada para superar os “impasses pedagógicos” com que se defronta a área. Sua reflexão é motivada pela conjuntura que vivemos. Apesar das incertezas, alimentadas por tantas mutações tecnológicas, trabalhistas, econômicas e culturais, continua vigente a expectativa de que “um mundo melhor é possível”.

Finalmente, Machado (2005) reivindica para o Jornalismo o *status* de “área do conhecimento”, argumentando que foi ultrapassado, em nosso país, o estágio em que o Jornalismo figurava como mero “objeto de estudo”. Se antes despertava apenas a curiosidade de cientistas situados em diferentes disciplinas, hoje atingiu o patamar de “campo de pesquisa”, habitado por uma comunidade acadêmica dotada de identidade particular, construindo “teorias” específicas e tecendo “metodologias” apropriadas. O autor robustece sua tese, estabelecendo um paralelo entre o desenvolvimento do Jornalismo como disciplina científica no país e no exterior. Ele conclui reafirmando a natureza do Jornalismo como “ciência social aplicada”, cujos conhecimentos produzidos giram em torno de um objeto determinado, ou seja, as rotinas legitimadas pela profissão. Mas, inserido no bojo de um “fenômeno” mais amplo, ou seja, a vida em sociedade, não pode prescindir dos conhecimentos oriundos de outras disciplinas ancoradas no ramo das humanidades ou no segmento das tecnologias. Daí a vocação “multidisciplinar” que caracteriza a “educação” dos jornalistas, cuja “identidade” nutre-se ao mesmo tempo na “prática” convencionalizada pela profissão e na “teoria” construída pela comunidade acadêmica. Como pavimentar essa rodovia de mão dupla, desbloqueando a intercomunicação da teoria com a prática? O autor sugere avançar além do diálogo interdisciplinar, fomentando a “pesquisa experimental” como alavanca para conduzir os pesquisadores acadêmicos ao desenvolvimento das linguagens, processos e tecnologias demandados pelos praticantes do ofício.

## Conclusão

A dimensão “tradicional” do pensamento jornalístico brasileiro, premissa inicial deste ensaio, está fartamente documentada por meio dos seus traços orgânicos: aderência, continuidade e permanência.

Mas não podemos descartar os componentes implícitos da sua “modernidade”. Eles estão contidos nos sinais de avanços e recuos, conquistas e derrotas, ganhos e perdas. Esse tipo de sensação permeia ostensivamente o quadro comparativo entre as idéias seminais, as formulações históricas e o pensamento jornalístico contemporâneo.

Maldição de Sísifo? Defeito congênito do Jornalismo? Efeito endêmico da sociedade? A resposta adequada pressupõe ampliação da análise, aprofundamento da exegese e refinamento da interpretação. Tarefa naturalmente coletiva. Que pode ser continuada a partir deste esboço.

Sua intenção é modesta: mapear, sinalizar, descrever. Mas sua meta é ambiciosa: provocar, instigar, resgatar, repensar.

## Referências

ADGHIRNI, Zélia Leal. O jornalista: do mito ao mercado, **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 2, n. 1, p. 45-58, 2005.

BARBOSA, Livia Neves de H. The Brazilian jeitinho: an exercise in national identity, In: HEES & DAMATTA (Eds.). **The Brazilian puzzle**. New York: Columbia University Press, p. 35-48, 1995.

BARBOSA, Rui. **A imprensa e o dever da verdade**. 3. ed., São Paulo: Edusp, 1990 [Salvador: {s.e}, 1920]

BARBOSA LIMA SOBRINHO, Alexandre José. **O problema da imprensa**. 2. ed., São Paulo: Edusp, 1988 [Rio de Janeiro: Álvaro Pinto, 1923].

BECELLONI, Giovanni. **Giornalismo o postgiornalismo ?**. Napole: Liguori, 1995.

BELTRÁN, Luis Ramiro. **Com la tinta de imprenta en las venas**. La Paz: Plural, 1998.

BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à Filosofia do Jornalismo**. 2. ed., São Paulo: Edusp, 1992 [Rio de Janeiro: Agir, 1960].

BOURDIEU, Pierre. O campo científico, In: ORTIZ, Renato (Org.). **Pierre Bourdieu**, São Paulo: Ática, p. 122-155, 1983.

BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. **Raízes do Brasil**. 5. ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1969 [1936].

BUCCI, Eugênio. Na TV os cânones do jornalismo são anacrônicos, **Anuário de Jornalismo, 2001-2002**, São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2002.

CABRAL DE MELO, Evaldo. **Frei Joaquim do Amor Divino Caneca**. São Paulo: Editora 34, 2001.

CÂNDIDO, Antônio. **Formação da Literatura Brasileira**. Vol. 1. 4. ed., [s.l.]: Martins, 1957.

CARVALHO, Alfredo. Da introdução da imprensa em Pernambuco pelos Holandeses, **Revista do IAHP**, n. 53, p. 710-716, Recife, 1899.

\_\_\_\_\_. **Imprensa baiana: 1811-1899**, Salvador: IHGBH, 1899.

\_\_\_\_\_. Gênese e progressos da imprensa periódica no Brasil, **Revista do IHGB**, v. 1, Rio de Janeiro, 1908.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d'aquém e d'além mar**. Santarém (Portugal): Jortejo, 1998.

CUNHA, Magda. O tempo do radiojornalismo: a reflexão em um conceito digital, **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 1, n. 1, p. 10-19, 2004.

DAMATTA, Roberto. For an Anthropology of the Brazilian tradition, In: HEES; DAMATTA (Eds.) **The Brazilian puzzle**. New York: Columbia University Press: p. 270-291, 1995.

DINES, Alberto. **O papel do jornal**. Rio de Janeiro: Artenova, 1974.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 1995.

GENRO, Adelmo. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Tchê, 1987.

GÓES DE PAULA, Sergio. **Hipólito José da Costa**. São Paulo: Editora 34, 2001.

HOBSBAWN, Eric. **Age of extremes: the short twentieth century: 1914-1991**. London: Handon House, 1994.

JOBIM, Danton. **Espírito do Jornalismo**. 2. ed., São Paulo: Edusp, 1992 [Rio de Janeiro: São José, 1960].

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de jornalismo**. São Paulo: Edusp, 1997 [1988].

LACERDA, Carlos. **A missão da imprensa**. 2. ed., São Paulo: Edusp, 1990 [Rio de Janeiro: Agir, 1950].

LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário**. 2. ed., São Paulo: Edusp, 1990 [Rio de Janeiro: Agir, 1958].

LINS DA SILVA, Carlos Eduardo. **O adiantado da hora**. São Paulo: Summus, 1990.

MACHADO, Elias. From journalism studies to journalism theory, **Brazilian Journalism Research**, v. 1, n. 1, p. 11-22, 2005 [2002].

MACHADO DA SILVA, Juremir. **A miséria do jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MARQUES DE MELO, José. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

\_\_\_\_\_. Clássicos do Jornalismo Brasileiro, In: BARBOSA LIMA SOBRINHO. **O problema da imprensa**. São Paulo: Edusp, p. ix-x, 1988.

\_\_\_\_\_. **Jornalismo Brasileiro**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

\_\_\_\_\_. **Imprensa Brasileira, vol. I**, São Paulo: IMESP/Methodista, 2005.

\_\_\_\_\_. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Paulus, 2006.

MAYA, Laura; PLATA, Blanca. **La prensa en México**, London: Longman, 1998.

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda**. São Paulo: Alfa-Omega, 1978.

MEDITSCH, Eduardo. Journalism as a form of knowledge: a qualitative approach, **Brazilian Journalism Research**, v. 1, n. 2, p. 121-136, 2005.

MOREIRA, Sonia Virginia. Journalism research in Brazil: trends and research, **Brazilian Journalism Research**, v. 1, n. 2, p. 9-24, 2005.

MOREL, Marco. **Cipriano Barata na Sentinela da Liberdade**. Salvador: ALB, 2001.

NEVEU, Erick. **Sociologia do Jornalismo**. São Paulo: Loyola, 2004 [2001].

PEREIRA, Moacir. **O golpe do silêncio: imprensa, censura e medidas de emergência**. São Paulo: Global, 1984.

PIZA, Daniel. **Paulo Francis**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

RIVERA, Jorge. **El Periodismo Cultural**. Buenos Aires: Paidós, 1995.

SALWEN; GARRISON. **Latin American Journalism**. Hillsdale: LEA, 1991.

SERRA, Joaquim. **Sessenta anos de jornalismo**. 3. ed., São Paulo: Siciliano, 2001 [Rio de Janeiro: Faro & Lino, 1883].

TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo**. Lisboa: Quimera, 2002.

TRAVANCAS, Isabel. **O mundo dos jornalistas**. São Paulo: Summus, 1993.

TUDESQ; NÉDÉLEC. **Jornais e rádios em África nos séculos XIX e XX**. Paris/Lisboa: Inde/Gret, 1998.

VERÍSSIMO, José. A instrução e a imprensa, **Livro do Centenário**, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, p. 5-71, 1900.

WEBER, Max. Alocução no Primeiro Congresso da Associação Alemã de Sociologia. Tradução espanhola: Enrique Martin Lopez. Para uma sociologia de la prensa, **Revista Española de la Opinión Pública**, n. 57, v. 92, p. 247-249, Madrid, 1910.